

ESPECIARIA

Cadernos de Ciências Humanas,
v. 21, ano 2024 | ISSN: 2675-5432

Re-existir: estratégias de resistência Guarani e Kaiowá

Marinês Soratto

Pós-doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em
Educação – Universidade Católica Dom Bosco – PPGE/UCDB/Campo
Grande-MS

<https://orcid.org/0000-0002-5445-9592>

Adir Casaro Nascimento

Professora titular no Programa de Pós-Graduação em Educação –
Universidade Católica Dom Bosco – PPGE/UCDB/Campo Grande-MS

<https://orcid.org/0000-0002-7488-6022>



Recebido em: 08/04/2024
Aprovado em: 13/06/2024
Publicado em: 05/07/2024

Re-existir: estratégias de resistência Guarani e Kaiowá

Marinês Soratto - UCDB¹
Adir Casaro Nascimento - UCDB²

Resumo

Este estudo tem como objetivo compreender, a partir das pesquisas de mestrado e doutorado produzidas pelos intelectuais Guarani e Kaiowá do estado de Mato Grosso do Sul, como a re-existência se evidencia nas ambivalências e contradições de suas vidas, vivenciadas por diferentes “situações históricas”, desenvolvendo estratégias a partir das suas próprias cosmologias e epistemologias. Em nossas análises e reflexões, utilizamos o conceito de re-existência/re-existir, elaborado por Achinte (2012; 2013) ao se referir ao povo afro, tendo em vista que os povos indígenas também tiveram que desenvolver outras formas de existir, reelaborando formas de viver em condições adversas, em que tiveram que aprender a resistir aos padrões hegemônicos e ocidentais, os quais tornaram a existência das comunidades indígenas menos visíveis, silenciadas e invisibilizadas durante séculos. Desse modo, em nossas análises, observa-se o agenciamento dos povos Guarani e Kaiowá frente às forças externas e aos mais diversos meios de colonização, criando maneiras outras de existir e estar no mundo, por meio da resistência, utilizando seus rituais, línguas e práticas espirituais, na manutenção e na transmissão de conhecimentos tra-

¹ Pós-doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Católica Dom Bosco - PPGE/UCDB/Campo Grande-MS - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5445-9592>

² Professora titular no Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Católica Dom Bosco - PPGE/UCDB/Campo Grande-MS - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7488-6022>

dicionais, em que os conhecimentos que foram silenciados, subalternizados e inferiorizados pela modernidade, re-existindo a partir de uma perspectiva outra, reúnem processos formativos que evoluem saberes e fazeres específicos como resposta possível para os problemas atuais da humanidade.

Palavras-chave: Professoras; Resistência; Guarani e Kaiowá; Colonização.

Abstract

This study aims to understand, based on master's and doctoral research produced by Guarani and Kaiowá intellectuals from the state of Mato Grosso do Sul, how re-existence is evident in the ambivalences and contradictions of their lives, experienced by different "historical situations", developing strategies based on their own cosmologies and epistemologies. In our analyzes and reflections we use the concept of re-existence/re-existence, elaborated by Achinte (2012; 2013) when referring to the Afro-Brazilian people, considering that indigenous peoples also had to develop other ways of existing, re-elaborating forms of living in adverse conditions, in which they had to learn to resist hegemonic and Western standards, which made the existence of indigenous communities less visible, silenced and made invisible for centuries. Thus, in our analyses, we observe the agency of the Guarani and Kaiowá peoples in the face of external forces and the most diverse means of colonization, creating other ways of existing and being in the world, through resistance, using their rituals, languages and practices. spiritual, in the maintenance and transmission of traditional knowledge, in which knowledge that was silenced, subordinated and inferiorized by modernity, re-existing from a different perspective, brings together formative processes that involve specific knowledge and practices as a possible response to problems current humanity.

KEYWORDS: Resistance; Guarani and Kaiowá; Colonization.

Introdução

Os desafios vivenciados pelas comunidades indígenas, desde a colonização até os dias atuais, têm possibilitado, em meio a tensões e conflitos, criar estratégias de existência e resistência para a sobrevivência dos seus saberes e dos seus fazeres, os quais foram sendo traduzidos, hibridizados e resignificados nos “entre-lugares”, nas intersecções entre o “tradicional” e o “colonial”, como linha de fuga para que fossem protegidos e, em algum momento da vida, reavivados para manter seu modo de ser.

Desse modo, tendo em vista que, entre as influências externas, a re-existência é uma das estratégias que melhor descreve os povos Guarani e Kaiowá, que viveram um longo processo de integração e assimilação, idealizados por diversos mecanismos políticos, na intenção de moldar as comunidades indígenas para uma sociedade nacional, este estudo tem como objetivo analisar, a partir das pesquisas de mestrado e doutorado produzidas pelos acadêmicos Guarani e Kaiowá do estado de Mato Grosso do Sul³, no intuito de compreender como a re-existência se evidencia nas ambivalências e contradições de suas vidas, vivenciadas por diferentes “situações

³ Em Mato Grosso do Sul, segundo Relatório Situacional do Distrito Sanitário Especial de Saúde Indígena (DSEI/MS, 2023), a população indígena soma 80.459 habitantes, residentes em 78 aldeias e áreas de acampamento, presentes em 29 municípios do estado. São representados por 08 etnias: Guarani, Kaiowá, Terena, Kadwéu, Kinikinaua, Atikun, Ofaié e Guató que se comunicam na sua língua mãe, sendo: Guarani, Terena, Kadwéu, Guató, Ofaié e Kinikinau. Fonte: DSEI - Mato Grosso do Sul. O documento pode ser consultado em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/chamamentos-publicos/2023/chamamento-publico-sesai-ms-no-01-2023/anexo-xxxvii-relatorio-situacional-dsei-mato-grosso-do-sul.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2024.

históricas⁴”, desenvolvendo estratégias a partir das suas próprias cosmologias e epistemologias.

Para isso, fizemos um mapeamento das pesquisas realizadas pelos intelectuais indígenas⁵ que realizaram seus estudos de mestrado e doutorado em suas terras indígenas. Assim, foram analisadas 6 dissertações na área de Educação e 1 tese na área de Antropologia Social, defendidas entre os períodos de 2012 a 2019.

Após realizado e sistematizado esse mapeamento, tomamos conhecimento de algumas dissertações e teses, as quais não houve tempo hábil para análises, porém merecem ser lidas posteriormente por trazerem, em seus escritos, contribuições para a população em geral sobre seus saberes/conhecimentos e as diversas maneiras de resistir e existir frente aos modelos hegemônicos muitas vezes impostos às suas sociedades.

Em nossas reflexões, utilizamos o conceito de re-existência/re-existir, elaborado por Achinte (2012; 2013), ao analisar povos afro desde o momento que foram escravizados e trazidos para a América Latina até os dias atuais. Nesse sentido, tiveram que desenvolver outras formas de existir, reelaborando formas de viver em condições adversas, tentando superar essas condições para ocupar um lugar de dignidade na sociedade que coloca a re-existência também no presente de nossas sociedades racializadas e discriminatórias.

4 Segundo Tonico Benites (2014, p. 32), o termo “situações históricas” é utilizado para compreender o processo e a expropriação dos territórios tradicionais e, posteriormente, o processo de reocupação desse território pelos Guarani e Kaiowá, os quais se dão em um processo de relação interétnica. Desse modo, o termo “situações históricas” compreende “[...] o período anterior a instituição do P.I.s (reservas indígenas), o período da criação desses postos, assim como o período mais recente, de reocupação dos territórios tradicionais”.

5 Segundo Bergamashi (2014, p. 12), “[...] o que explica a expressão intelectual indígena como uma possibilidade de empoderamento de suas lideranças, dos sábios, dos estudiosos que se destacam, tanto no seio de suas sociedades, como na interação com espaços não indígenas”.

Seguindo na mesma perspectiva do autor, embora com histórias diferentes, os povos indígenas também tiveram que desenvolver meios e técnicas para se reinventar diante da colonização e dos diversos fatores externos que adentram as Aldeias nos dias atuais, impondo regras e modelos de ser não indígena e, assim, tiveram que aprender a resistir aos padrões hegemônicos e ocidentais, os quais tornaram a existência das comunidades indígenas menos visíveis, silenciadas e invisibilizadas durante séculos.

1 Resistir para existir

Os povos Guarani e Kaiowá têm uma história articulada por diferentes processos que se inter-relacionam no espaço e no tempo em que se encontram, em que aprenderam a re-existir no mundo moderno colonial, desafiando as estruturas de poder que atravessaram suas histórias e suas memórias, tornando possíveis outras formas de viver, pensar sentir e estar no mundo.

Seguindo no mesmo pensamento de Achinte, Maldonado-Torres (2017, p. 26) descreve que a:

[...] resistencia no se trata solamente de una cuestión de negar un poder opresor, sino también de crear maneras de existir, lo que incluye formas de sentir, de pensar, y de actuar en un mundo que se va construyendo el mismo a través de variadas insurgencias e irrupciones que buscan constituirlo como un mundo humano.

As estratégias de resistências surgem na tensão entre diferentes culturas e principalmente na imposição de sistemas opressores que obrigam os povos indígenas a criarem meios de sobrevivência no mundo moderno colonial capitalista; resistir, para Eliel Benites (2014, p. 63) “[...] não é isolar-se ou distanciar-se, mas, a partir da identidade tradicional, é dialogar com outros saberes, constituir

uma epistemologia onde possam tornar-se lógicos os diferentes saberes com suas características peculiares”.

Para Lescano (2016, p. 15):

O silêncio ainda é estratégia do povo Guarani como resistência, que em muito ajuda, mas também atrapalha. Por isso, hoje é necessário que os *Kaiowá* e *Nhandeva* reflitam, fazendo análise do contexto atual, porque os valores materiais e o acesso às tecnologias não indígenas estão modificando muito essas estratégias de resistência.

O silêncio ao qual o pesquisador se refere está em se anular para uma sociedade colonizadora, arranjar estratégias para invisibilizar seus saberes e sua identidade étnica diante de um mundo que nega as diferenças, mas que, no seu mais profundo “eu”, re-existe às mais diversas formas de violências de imposição de uma cultura hegemônica e doutrinadora. Desse modo, Aquino (2012, p. 91) relata: “[...] Tiveram que esconder o povo Guarani/Kaiowá preservando-o escondido: a sua cultura, o seu modo de ser, as suas tradições, sua língua e a sua crença, no intuito de se manterem como cidadãos e lutarem sempre pela sua sobrevivência”.

Teodora de Souza (2013, p. 42) destaca que “[...] o silenciamento social das culturas, provocado pelo processo de colonização e homogeneização cultural, para os povos indígenas pode ter sido uma estratégia de manutenção e resistência cultural [...]”. Assim, o silenciamento não significa o apagamento ou aniquilamento da cultura indígena, mas é uma estratégia de resistência cujo modo de ser se silencia para continuarem a existir numa sociedade homogeneizadora e excludente.

Pelo mesmo ponto de vista, Eliel Benites (2014, p. 54) evidencia que:

A relação dos Kaiowá e Guarani com o mundo ocidentalizado constitui-se a partir de uma longa experiência de estratégias de resistências, adquiridas em função das experiências de representar o colonizador, conforme a

demanda estabelecida por eles, caminhando o caminho do outro, mas sempre se direcionando ao seu universo. **Neste contexto, a identidade kaiowá e guarani de hoje constitui-se uma contínua ida e volta entre um universo e outro** (Grifos nossos).

Nesse caso, entendemos que caminhar o caminho do outro, sem deixar de ser o que é, é um dos principais movimentos de re-existência vivenciados pelas comunidades indígenas. De maneira similar, Anzaldúa (2005, p. 706), a partir de sua experiência, mostra que “[...] aprende a equilibrar as culturas. Tem uma personalidade plural, opera em modo pluralístico – nada é posto de lado, o bom, o ruim e o feio, nada é rejeitado, nada abandonado. Não apenas sustenta contradições como também transforma a ambivalência em uma outra coisa”.

Com relação às concepções acima, entendemos como Bhabha (2014, p. 183-184) que

essa resistência não é necessariamente, um ato posicional de intensão política, nem e a simples negação ou exclusão do ‘conteúdo’ de outra cultura, como uma diferença já percebida. Ela é o efeito de uma ambivalência produzida no interior das regras de reconhecimento dos discursos dominantes, na medida em que estes articulam os signos da diferença cultural, conferindo-lhes novas implicações dentro das relações diferenciais de poder colonial - hierarquia, normalização, marginalização e assim por diante.

Sob esse ponto de vista, Teodora de Souza (2013, p. 55) mostra que a resistência, no estado de Mato Grosso do Sul, ocorreu de diversas formas, sempre pautada na sobrevivência do povo Guarani e Kaiowá:

As relações de poder sempre atravessaram as culturas indígenas e, nesse atravessamento histórico de poder, os povos indígenas, de alguma forma, mantiveram sempre algum tipo de estratégia de resistência, seja em forma de guerra que resultou no extermínio de vários povos, seja mudando-se para outros espaços do território; alguns, supostamente, aceitaram a

submissão, o que justifica a existência desses povos ainda hoje. Outros, ainda, **fizeram negociações, mas penso que tenham sido desiguais, pois muitos povos indígenas tiveram que se enquadrar/enquadram às regras ou modelo de poder da cultura dominante** (Grifos nossos).

Neste jogo em que o poder se instala, desestabilizando as comunidades indígenas, em diferentes momentos e atuando de diversas formas cujas negociações se dão de formas desiguais como pontua a pesquisadora, implicando sempre na perda de algo, principalmente na relação entre colonizador e colonizado, pode-se dizer que há uma fragmentação no modo de ser e fazer Guarani e Kaiowá, que certamente afetará as gerações futuras, como menciona Eliel Benites (2014, p. 54):

[...] as gerações mais tradicionais da sociedade kaiowá e guarani, a partir dos contextos específicos de formação de sua subjetividade, possibilitam maior grau de resistência ao imaginário colonial do que as gerações mais recentes. Tal situação possibilita um porto seguro para a geração atual, tendo em vista produzirem negociações com o mundo externo. **A resistência kaiowá e guarani ao modelo homogeneizador e suas várias formas de representação, assumidas diante do colonizador ou no mundo externo, refere-se a formas estratégicas para corresponder ou não ao desejo do outro** (Grifos nossos).

Em muitos casos, as resistências ocorreram e ocorrerem de forma pacífica, fazendo aquilo que o outro deseja, como forma de estratégia para sobrevivência da sua identidade cultural, o que “[...] se torna uma técnica de camuflagem, um instrumento de luta” como diria Bhabha (2014, p. 112) ao se referir sobre o colonizador na tentativa de retirar o véu das mulheres argelinas. Mas, por outro lado, Teodora de Souza (2013, p. 84) frisa que:

A ocupação do território sempre encontrou resistência da parte dos [indígenas], os quais voltavam, muitas vezes, ao seu tekoha (terra tradicional), por isso, muitas

comunidades foram dizimadas por não obedecerem às regras de desocupação do espaço e por não se submeterem à imposição de modelos e valores. Outras, no entanto, submeteram-se a elas, como estratégia para garantir a sobrevivência física. Esse processo de “negociação” era desigual para os povos indígenas em relação aos colonizadores, porque os [indígenas] é que tinham que se submeter.

Em relação aos territórios tradicionais, os povos indígenas sempre resistiram ao deixar os espaços por eles ocupados, mas cada vez que tinham que deixar seus tekoha, eles buscavam refúgios nas matas para fugir dos processos de colonização que cada vez mais avançavam no território, ocasionando um processo de dispersão das comunidades indígenas, chamado de *esparramo* pelos Guarani e Kaiowá, que segundo Brand (1998, p. 39) “[...] resultou, na maior parte dos casos, não apenas na perda da terra do tekoha, mas, especialmente, na desintegração das famílias extensas [...]”, ocasionando diversos problemas sociais e comunitários.

O processo de colonização e a demarcação das terras indígenas pelo SPI delimitaram os povos indígenas em pequenos territórios, ignorando os espaços que regem a cultura indígena, com isso os saberes tradicionais foram se resignificando nas fronteiras entre “colonial” e o “tradicional”.

As imposições e interferências fizeram com que as estruturas sociais e culturais tivessem que se readaptar aos modelos impostos, sob forma de resistência ou silenciamento cujas fissuras na cultura fizeram com que os saberes se fragmentassem entre uma lógica e outra.

De acordo com a cosmologia Guarani, Aquino (2012, p. 23) relata que “a terra não pertence ao homem, mas é o homem que pertence à terra; que quando for voltar ao seu deus, este corpo terá que voltar para sua origem, fertilizando-o para a sobrevivência dos que ficarão aqui ainda em busca de sua terra sem males”. Segundo Gallois (2004, p. 40):

[...] Concepções nativas de território, quando existem e considerando-se suas variações, são essenciais ao entendimento das relações de natureza social que são tecidas entre diferentes comunidades, em redes extensas de troca de diversos tipos, apesar o encapulamento em terras fragmentadas.

Uma outra forma de resistência são os *Aty Guassu*, que se constituem em grandes Assembleias Guarani e Kaiowá, pensadas para articular estratégias para reocupações de seus territórios tradicionais, conforme mostra Tonico Benites (2014, p. 42):

Frente à expulsão e dispersão continuada dessas famílias indígenas suas lideranças constrangidas e indignadas não assistiram paradas à expulsão e expropriação de seu território. Pelo contrário, muitas famílias começaram a resistir.

Naquele contexto histórico, como reação a esses atos truculentos que sofriam, emergiu em meados de 1970 a Grande assembleia guarani e kaiowá, o *Aty Guasu*. O objetivo foi e é o de fazer frente ao processo sistemático da expulsão e dispersão (*sarambi*) forçada das famílias extensas indígenas do seu território tradicional. Durante esses *Aty Guasu*, ao mesmo tempo em que ocorriam discussões políticas, se realizavam também rituais religiosos (*jeroky*) para o fortalecimento da luta pelas terras.

Segundo Alves Machado (2016, p. 107):

Historicamente, os povos indígenas sempre reagiram a violação e a conquista de seus territórios tradicionais e seus direitos como cidadãos, os vários movimentos indígenas surgiram como forma de organização desses povos. Entre o povo Guarani e Kaiowá existem, atualmente, os *Aty Guassu*, que são os grandes encontros e/ou grande assembleia desse povo onde são discutidos todos os aspectos pertinentes as Aldeias como saúde, educação, habitação e segurança, além, e principalmente, da proteção e retomada de seus territórios tradicionais.

Sobre a proteção para a reocupação dos territórios tradicionais, “[...] os *jeroky* (rituais religiosos) guarani e

kaiowá são claramente uma forma de resistir e de lutar reiteradamente pela recuperação da terra” (Tonico Benites, 2014, p. 192). Nos Aty Guassu, o *jeroky* é realizado para proteção das famílias indígenas que estão na luta em reocupação dos territórios perdidos.

Desse modo, Tonico Benites (2014, p. 182, grifos nossos) explica que:

O Aty Guasu é um lugar de transmissão de saberes, feito na língua indígena, visto que todas as interações entre os indígenas seja na convivência cotidiana, nos rituais sagrados e profanos, bem como nas discussões mais políticas sobre os problemas coletivos, as estratégias e os projetos de futuro ocorrem exclusivamente através de discussões em língua Guarani e Kaiowá.

Considerando o Aty Guassu como um lugar de resistência indígena, é realizada na língua Guarani e Kaiowá, em que os saberes e as formas de estratégias são articulados entre seus membros, e os não indígenas não têm acesso ao conhecimento ali produzido “[...] porque são fundamentalmente expressão de uma memória que é oral e porque são formuladas na maioria das vezes na língua guarani e não em português” (Tonico Benites, 2014, p. 179).

Diante das interferências externas, presentes dentro das aldeias, que passam a fazer parte da vida dos sujeitos, controlando e dizendo o que fazer e como fazer, pergunta-se: onde está a resistência? A resistência é encontrada em todos os momentos nas comunidades Guarani e Kaiowá, como enfatiza Valdenir de Souza (2019, p. 82):

A resistência está na coletividade, nos contos, rezas e na espiritualidade dos Guarani e kaiowá, onde os fortalecem nos encontros tradicionais indígenas entre lideranças, professores indígenas e não indígenas sensíveis a questão, se tornando uma discussão ampliada em prol do bem-estar e do modo de ser Guarani e Kaiowá.

Diferentemente do que a modernidade idealizou, da individualidade empregada pelo capitalismo que hoje

toma conta da sociedade de uma forma geral, o ser Guarani e Kaiowá são regidos pela coletividade; como diz Eliel Benites (2014, p. 56), “o modelo de ser Kaiowá e Guarani é baseado na espiritualidade e a coletividade é a metodologia para a busca de um modelo próprio de ser”. Ainda para esse autor, “o *Teko Marangatu* e a coletividade são elementos estimuladores, referências orientadoras daquilo que estamos sempre buscando no processo da existência. São os elementos que organizam, dinamizam e definem a comunidade” (2014, p. 125).

Sendo a coletividade um dos princípios da educação Guarani, Aquino (2012, p. 53) ressalta que:

[...] é preciso lembrar que nem todas as famílias Guarani/Kaiowá fazem isso. A divisão pra mim ficou mais visível entre os Kaiowá nas conversas que tive durante a pesquisa, as mulheres falaram de forma tão triste de saber que hoje a partilha entre no coletivo está se perdendo, culpa do sistema capitalista que ensina a não dividir, mas enriquecer.

A interferência do capitalismo no modo de viver Guarani e Kaiowá fez rupturas nos saberes, pois dentro de uma visão individual, pensada para uma lógica de mercado e de acúmulo de bens materiais, se opõe à lógica coletiva que rege as sociedades indígenas, como podemos verificar na entrevista concedida a Carvalho (2018). Em suas análises do ensino da matemática entre os modos tradicionais e como uma disciplina sistematizada nos moldes da modernidade, Carvalho (2018, p. 86) mostra a influência na vida coletiva dos povos indígenas:

Hoje as crianças que vão para a escola choram porque não querem dividir com o seu irmão o pedaço de carne, frutas, não quer comer mais junto, porque a matemática ensina para a criança que tem que ser assim tudo certinho, cada um tem que ter o seu objeto. Esse certinho traz uma visão diferente para nossas crianças indígenas (Sr. Cristina Barbosa 70 anos, kaiowá, moradora da aldeia Te'yikue 2017).

Um exemplo de coletividade pensada para o próximo, de como acontece nas atividades rotineiras, está nas lembranças de Valdenir de Souza (2019, p. 32):

Um fato que me recorde é a preocupação com a produção de alimentos entre os povos indígenas. Dizendo: quando vocês forem para a roça tirar mandi'o para mamãe cozinhar, quebra um pedaço de rama e coloca no mesmo buraco. Assim vocês sempre terão a mandi'o em casa para ajudar na alimentação do pai da mãe e dos seus irmãozinhos.

A coletividade nas comunidades indígenas é pensada em relação ao próximo, como aponta Eliel Benites (2014, p. 124):

[...] cultura kaiowá e guarani atual é formada a partir das expressões e linguagens que enunciam a realidade e criam condições de compartilhar a memória, na garantia do projeto coletivo. E este é o horizonte no qual se busca a plenitude e a sabedoria do *aguyje*.

Diante das interferências do mundo contemporâneo e dos modelos ocidentais que imperam na formação da identidade da sociedade de um modo geral, verifica-se que as estratégias de sobrevivência que mantêm um povo vivo, como a sua língua e a sua cultura, são mantidas no seio da comunidade cujas formas de resistências são encontradas em diferentes momentos da vida Guarani e Kaiowá. Segundo Eliel Benites (2014, p. 52):

Essas resistências guardam, no fundo do ser Kaiowá e Guarani, os elementos fundantes que fazem parte da sua subjetividade e que estão ligados diretamente com a sua constituição no universo tradicional, no momento em que as lógicas e os valores tradicionais são mais presentes ou vivos, na geografia (espaço e tempo) específica de sua subjetivação tradicional. Estes elementos afloram nos momentos de reivindicação dos seus direitos constitucionais, como povos diferenciados.

Desse modo, podemos dizer que a resistência está

na memória, cuja oralidade dá continuidade a existências de seus saberes a partir de suas cosmologias, ordenados por uma língua própria e comum ao grupo ao qual pertencem. Assim, diante das adversidades do mundo moderno/colonial, aprenderam a re-existir às mais diversas estruturas sociais de poder que visam hierarquizar e subjugar seus conhecimentos étnicos, linguísticos e culturais que organizam o mundo e a vida em comunidade Guarani e Kaiowá.

Assim sendo, entendemos que a re-existência está no modo de ser e fazer Guarani e Kaiowá, na vida cotidiana, criando estratégias para continuar existindo enquanto povos situados em outra tradição cultural, ressignificando seus modos de ser e estar no mundo frente aos projetos hegemônicos e coloniais que atravessam suas vidas.

Considerações finais

Em nossas análises, realizadas por meio das pesquisas dos intelectuais indígenas de Mato Grosso do Sul, observa-se o agenciamento dos povos Guarani e Kaiowá frente às forças externas e aos mais diversos meios de colonização, criando maneiras outras de existir e estar no mundo, por meio da resistência, utilizando seus rituais, línguas e práticas espirituais, na manutenção e na transmissão de conhecimentos tradicionais.

Assim sendo, ao resistirem e existirem enquanto povos diferenciados, desenvolvem mecanismos outros de sobrevivência para a preservação da cultura, território e modos de vida específicos, como uma prática da afirmação da identidade e da autonomia Guarani e Kaiowá que está nos princípios básicos da educação tradicional, a saber: a coletividade e a língua materna. Ambas regidas pela espiritualidade, o que conecta os povos indígenas ao mundo físico e espiritual, ou seja, compreende-se que os conhecimentos que foram silenciados, subalternizados e inferiorizados pela modernidade, resistindo a partir de

uma perspectiva outra, reúnem processos formativos que envolvem saberes e fazeres específicos como resposta possível para os problemas atuais da humanidade..

Referências

ACHINTE, Adolfo Albán. Epistemes “otras”:¿ epistemes disruptivas? **Revista Kula**, Argentina v. 6, p. 22, 2012.

ACHINTE, Adolfo Albán. Pedagogías de la re-existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos. WALSH, Catherine (edt.). Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir, **PraxEduc.**, v. 1, p. 443-468, 2013.

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a uma nova consciência. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, v. 13, p. 704-719, 2005.

AQUINO, Elda Vasques. **Educação Indígena e processos próprios de aprendizagens**: espaços de inter-relação de conhecimentos na infância guarani/kaiowá antes da escola, na comunidade Indígena de Amambai, Amambai – MS. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS, 2012.

BENITES, Eliel. **Oguata Pyahu (Uma Nova Caminhada) no Processo de Desconstrução e Construção da Educação Escolar Indígena da Aldeia Te'yíkue**. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco Campo Grande, Campo Grande, 2014.

BENITES, Tonico. **Rojeroky hina ha roike jevy tekohape (Rezando e lutando)**: o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekoha. 2014. 270 p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2014.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Intelectuais indígenas, interculturalidade e educação. **Tellus**, Campo Grande, ano 14, n. 26, p. 11-29, 2014.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Rente Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BRAND, Antônio. “Quando chegou esses que são nossos contrários” - a ocupação espacial e o processo de confinamento dos Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul. **Multitemas, [S. I.]**, n. 12, 1998.

CARVALHO, Katiana Barbosa. **A matemática da cultura Guarani/Kaiowá e o processo de ensino/aprendizagem: diálogos de saberes**. 2018. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2018.

GALLOIS, Dominique Tilkin. **Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades**. Terras indígenas e unidades de conservação da natureza: o desafio das sobreposições. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004. p. 37-41.

LESCANO, Claudemiro. **Tavyterã Reko Rokyta: os pilares da educação Guarani Kaiowá nos processos próprios de ensino e aprendizagem**. 2016. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2016.

MACHADO, Micheli Alves. **Educação Infantil: Criança Guarani e Kaiowá da reserva indígena de Dourados**. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Grande Dourados, 2016.

MALDONADO-TORRES, Nelson. El arte como territorio de re-existencia: una aproximación decolonial. **Iberoamérica Social: revista-red de estudios Sociales, [S. I.]**, n. VIII, p. 26-28, 2017. Disponível em: <https://iberoamericasocial.com/arte-territorio-re-existencia-una-aproximacion-decolonial/>. Acesso em: 21 jun. 2024.

SORATTO, Marinês. **Nas fronteiras das negociações: outros fazeres e outros saberes Guarani e Kaiowá**. 2022. 196 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2022.

SOUZA, Teodora de. **Educação Escolar Indígena e as Políticas Públicas no Município de Dourados**. 2013. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco Campo, 2013.

SOUZA, Valdenir de. **Formação de Professores Guarani e Kaiowá: Práticas Pedagógicas Interculturais do Curso Normal Médio Intercultural Indígena Ára Verá na Perspectiva da V Turma 2015-2019**. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2019.

Sobre os autores:

Marinês Soratto

Pós-doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Católica Dom Bosco - PPGE/UCDB/Campo Grande-MS.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5445-9592>

marines.soratto@gmail.com

Adir Casaro Nascimento

Professora titular no Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Católica Dom Bosco - PPGE/UCDB/Campo Grande-MS.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7488-602>

adir@ucdb.br